

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## CIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM DAS PERCEPÇÕES SOBRE O OLIMPO, PEDRO OSÓRIO, RS

Tatiana Carrilho Pastorini Torres  
Licenciada, mestre e doutoranda em História  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)  
[tatypastorini@yahoo.com.br](mailto:tatypastorini@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente trabalho é um recorte da pesquisa que se encontra em desenvolvimento no Doutorado, a qual se ocupa da análise das relações entre memória e história no entretecimento da cidade de Pedro Osório, RS, outrora denominada Olimpo. Essa etapa da pesquisa se ocupa das discussões teóricas que envolvem a construção dos conceitos a partir de autores que discutem os conceitos de cidade, memória, história, imaginário, representação, identidade e pertencimento. Também aborda as vivências e representações construídas a partir das sinapses dos habitantes da cidade, que por sua vez, é espaço de problematização entre memória e história. Cenário que perpetua o conflito entre *Cronos* (tempo), *Mnemosyne* (memória) e *Clio* (história). A tríade que luta entre si pelo direito de memória, esquecimento e verdade, atravessada pelas temporalidades que envolvem a cidade.

**Palavras-Chave:** Cidade; memória; história.

### Introdução

A cidade possui uma história delineada pelos traçados visíveis e invisíveis das relações entretecidas dos seus habitantes. Seu conjunto de bens materiais e imateriais é uma construção humana que permite um olhar caleidoscópico, cujas múltiplas percepções projetam sinapses<sup>1</sup> da cidade vivida ou imaginada. Em cada cidade observada sempre haverá outra escondida, em cujas ausências e permanências se registram suas impressões. Os diferentes discursos que narram a cidade são influenciados pelas relações estabelecidas com o tempo, moldadas pelas suas variações com os lugares e as épocas.

---

<sup>1</sup> Segundo IZQUIERDO (2007), sinapses são conexões entre as células nervosas, estimuladas pela repetição ou comprometimento emocional com a finalidade de construir as memórias. Seu uso e desuso resultam nas lembranças e esquecimentos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No que se refere ao Olimpo, objeto do presente estudo, seus traçados são moldados pelas vivências, rupturas e continuidades na terra do “pira-tininga”<sup>2</sup>, ao qual é atribuído valor afetivo de vida, morte e respeito. Lugar onde as ruínas de pedra são “testemunhas silenciosas”<sup>3</sup> das recorrentes cheias do rio e o apito do trem movimentam as memórias carregadas ou geracionadas por lembranças e esquecimentos de outra época.

## **História e memória: os múltiplos olhares sobre Olimpo**

Olimpo, antigo nome da cidade de Pedro Osório (RS), é formado pelo conjunto caleidoscópico dos fios entretecidos das relações e sinapses dos seus habitantes. Situado às margens do Rio Piratini, amado e venerado por seus moradores mais antigos, saudosistas de uma época perdida no tempo. Essa terra que já inspirou música, poesia e fascinação aos seus visitantes, formou-se no contexto das disputas territoriais entre Espanha e Portugal na definição das fronteiras meridionais do Brasil. Cenário que perpetua o conflito entre *Cronos* (tempo), *Mnemosyne* (memória) e *Clio* (história). A tríade que luta entre si pelo direito de memória, esquecimento e verdade, atravessada pelas temporalidades que envolvem a cidade.

*Mnemosyne*, a deusa da memória, era irmã de *Cronos*, o algoz da morte e do esquecimento. Ela era a antagonista do irmão, cuja função era se ocupar somente do presente e absorver o passado e o futuro. Em sua onisciência, ela seria sua grande opositora ao dar poder aos aedos<sup>4</sup> para ultrapassar e superar as barreiras impostas pelo tempo de *Cronos*. Por meio da arte da palavra cantada, o poeta manteria o passado como presença e serviria aos propósitos da Memória. Aos aedos foi dada a capacidade de “ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais” (TORRANO, 1995, p.11). Por outro lado, como forma de perpetuar sua influência, a deusa também gerou as nove musas inspiradoras das artes e da ciência.

---

<sup>2</sup> Do guarani *pira*: peixe, *tinga*: seca ou secando. Essa expressão era “usada pelos índios para indicar determinados rios que, após as cheias deitavam fora nas areias e barrancas muitos peixes que ficavam secando ao sol” (CALDAS, 1990, p.18).

<sup>3</sup> Expressão retirada dos relatos locais.

<sup>4</sup> Cantor ou poeta que apresentava suas composições religiosas ou épicas dos acontecimentos na Grécia antiga.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Caberia às musas, usar o poder concedido por sua mãe “para oblívio de males e pausa para as aflições”, conforme descreve Hesíodo (v.55). As filhas da Memória poderiam fazer revelações ou impor o esquecimento. Elas decidiam sobre o destino dos acontecimentos, se pertenciam à *Alethéa*, a personificação da revelação e da verdade ou à *Lesmosyne*<sup>5</sup>, a náiade do esquecimento. Essa decisão se compara à travessia do rio *Lhetes*<sup>6</sup>, o limite entre a vida e a morte, lembrar e esquecer, ser e não ser. As musas, guiadas por sua mãe, representam a vitória sobre o tempo de *Cronos*, que simboliza a morte. No entanto, o esquecimento é dúbio, pois significa, simultaneamente, maldição pelo sentido de finitude e bênção por aliviar o fardo das lembranças.

Entre as musas, *Clio*, a musa da história, tinha a tarefa de “articular o passado em constante e mútua interrogação” (SALES, 2015, p. 157). Era a musa com a relação mais próxima de *Mnemosyne*, ambas inspiravam aos aedos e mantinham uma ligação com o passado, mas eram personificações distintas na mitologia grega. Da mesma maneira, quando se trata dos conceitos de memória e história deve se levar em conta que diferem entre si. A memória é apenas um dos objetos e nível elementar na elaboração histórica (LE GOFF, 2013, p. 51), talvez, uma espécie de conexão de como se constituiu o passado e de que maneira se fundamentou no presente. Ela é uma construção social realizada no presente com a finalidade de atender apenas as solicitações do presente (MENESES, 1992, p. 11), por isso, não existe um “resgate” do passado, da memória ou da história.

De acordo com Izquierdo (2011), a memória é a capacidade de aquisição, formação, conservação e evocação das informações adquiridas ao longo de experiências. Ela apresenta a capacidade de reproduzir informações baseadas no contato com objetos, lugares e pessoas que deixaram marcas no acontecimento em questão. Assim, o ato de lembrar torna um momento eterno em contraposição à noção de que tudo se perde no tempo, como areia que escorre entre os dedos das mãos. Recordar toma o sentido simbólico de dar imortalidade aos feitos dos seres humanos. Algo muito parecido com as palavras de Hesíodo quando se referia ao poder de *Mnemosyne* na presentificação do passado, ou seja, tirar das “sombras” do esquecimento e manter vivas

---

<sup>5</sup> Também conhecida como *Lhété*, era responsável pelo rio Lethes no Hades.

<sup>6</sup> Aqueles que passavam por suas águas, deixavam suas lembranças para trás.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as experiências passadas. Esse seria o constante embate de *Mnemosyne e Clio* contra *Cronos* para definir o que seria entregue à *Alethéa* ou à *Lesmosyne*, ou seja, lembrança ou esquecimento, as dimensões da memória.

Candau (2012) explica a formação da memória, suas dimensões e a ruptura conceitual entre história e memória. Para ele, embora as duas sejam representações do passado, “a primeira tem como objetivo a exatidão das representações, enquanto a segunda pretende senão a verossimilhança” (CANDAUI, 2012, p.131). Entretanto, para alguns autores da nova história cultural, a história também busca a verossimilhança uma vez que suas “ações se passam por fora da experiência do vivido e, portanto, do não verificável” (PESAVENTO, 2014, p.55). Não existe uma “verdade” histórica reduzida ao passado e seus “fatos” que privilegiam determinadas narrativas. LE GOFF (2019, p. 25), aborda essas questões da ambiguidade e inexatidão da história, não limitada ao passado. Ao se utilizar da ideia básica de Ricoeur, o autor confirma que a história não é absoluta e pronta, mas sim essencialmente equívoca.

A história é mutável, visto que seu objeto de estudo é o ser humano no tempo conforme a discussão feita por Bloch em sua obra “Apologia da História”. Não o tempo que representa apenas uma medida, mas sim o tempo da história que “é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como lugar de sua inteligibilidade” (BLOCH, 2001, p.55). Não são os vestígios que importam, mas sim os seres humanos por trás deles. Ele compara o bom historiador ao ogro que fareja carne humana e sabe que encontrou a caça. Os fenômenos humanos são atrelados ao que chama de “tempo verdadeiro” composto pela antítese continuidade e mutabilidade. Dessa forma, a história se define como uma ciência cujo objeto é a organização do ser humano no entretencimento das relações entre passado e presente, ou vice-versa. Chartier corrobora para a discussão sobre a história ao mencionar que:

Ela é uma prática científica, produtora de conhecimentos, mas uma prática cujas modalidades dependem das variações de seus procedimentos técnicos, dos constrangimentos que lhe impõem o lugar social e a instituição de saber onde ela é exercida, ou ainda das regras que necessariamente comandam sua escrita (CHARTIER, 1994, p. 111).

As variáveis que perpassam a produção do conhecimento histórico são muitas e, por isso, não se deve pensar essa prática pelo viés da concepção cartesiana de ciência.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Todavia, apesar das incertezas que desafiam a história e da impossibilidade de se trabalhar com uma “ordem do verdadeiro”, Chartier sugere cautela e destaca o papel do historiador para evitar falsificações. Segundo ele, o “historiador tem por tarefa oferecer um conhecimento apropriado, controlado, sobre a ‘população de mortos-personagens, mentalidades, preços’ que são seu objeto” (CHARTIER, 1994, p. 111). Nessa mesma linha de raciocínio, o pesquisador deve observar a fronteira, por vezes tênue, que divide a história da memória. Equiparada à atribuição de *Clio*, o objetivo da história é denunciar e investigar o que foi apresentado ou ignorado pela memória. Esse debate é feito por Motta (2012, p. 25-26) que também ressalta “o perigo de o historiador incauto apenas restaurar memórias” e legitimá-las como história.

Quando se fala sobre a cidade, a problemática entre memória e história se torna evidente. Expressão e significação da vida humana, a cidade é obra e produto histórico que incorpora ações passadas e “aponta possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana” (CARLOS, 2007, p.20). Sua constituição é feita por escritas da memória sobre o espaço, cujos lugares são preservados ou destruídos de forma seletiva conforme o contexto vigente (POSSAMAI, 2010). Diante da passagem inexorável do tempo, pessoas e “suas coisas” (cultura material) deixam de existir e o que resta é informações fragmentadas nas mais diversas fontes ao longo do tempo, entre elas a memória constituída sob os múltiplos olhares dos seus habitantes.

Os múltiplos e até controversos olhares se aplicam aos estudos de qualquer cidade, onde ausências e permanências são definidas pelas memórias e histórias no contexto de suas pluralidades. De acordo com Ricoeur (2018, p. 159), “uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais”. Ela tem de ser contemplada para além de suas estruturas visíveis e como “núcleo fundamental donde se materializam las relaciones humanas” <sup>7</sup> (PRATS; SANTACANA, 2009, p.47) ao longo do tempo. É o cenário de trocas simbólicas das representações humanas, onde a cultura se define como elemento ativo e não passível, sensível às mudanças sociais (BURKE, 2002, p. 164-175) e composição das identidades. Segundo Silva:

---

<sup>7</sup> “Núcleo fundamental na qual se materializam as relações humanas” (tradução da autora).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dentro de uma cidade, dormem outras. Outras experiências, recolhidas por habitantes que experimentaram ou sonharam com outros lugares. Outras temporalidades, que outros homens, em outros tempos, construíram naquele local. Assim, por vários canais, as experiências urbanas ganham espessura e variedade. No caso da memória, a riqueza de expressões temporais soma nesta amplitude de entendimento do significado de viver a vida urbana (SILVA, 2014, p. 317).

A autora relaciona as experiências e as temporalidades ao tecer da memória, que por sua vez constitui a vivência das cidades. Sendo que, essa construção de memória se dá na dimensão individual e coletiva. A primeira se trata de vestígios mnemônicos de uma experiência única e a segunda um discurso que reflete a imagem que uma sociedade, ou um grupo, quiseram dar de si mesmo (TODOROV, 2002). Vivenciar a cidade envolve práticas e representações que adentram o imaginário dos seus habitantes.

O imaginário também é uma representação, mais precisamente, um conjunto de representações fundamentado na “evocação simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o verdadeiro e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber” (PESAVENTO, 1995, p. 24). Para Boia (1998), o imaginário é infinito e se apresenta como o duplo intangível do mundo concreto, possível meio para interpretar a história devido ao seu impacto na evolução das sociedades humanas. O autor menciona ainda, o caráter onipresente do imaginário:

*Toute pensée, tout projet, tout action possèdent une dimension imaginaire, dans un éventail très large qui va de l’hypothèse attendant sa vérification jusqu’aux fantasmes les plus insolites. Ses thèmes sont rebelles aux découpages traditionnels: époques historiques, civilisations, domaines particuliers de l’histoire (BOIA, 1998, p. 28)<sup>8</sup>.*

A cidade se constitui nessa dimensão onipresente do imaginário. Seus habitantes tecem os fios da memória que constitui a cidade que se vê e a que está oculta. Uma relação “íntima e circular entre o real e o imaginário”, onde “a criação e re-criação entre real e imaginário é contínua, criativa e imprevisível” (ESPIG, 2004, p. 53). Todo esse processo é resultado das sinapses que moldam a existência humana, ou seja, as conexões entre os neurônios. Essas sinapses são constituídas pelos impulsos elétricos a

---

<sup>8</sup> “Cada pensamento, cada projeto, cada ação tem uma dimensão imaginária, numa gama muito ampla que vai desde as hipóteses a serem verificadas às fantasias mais inusitadas. Seus temas se rebelam contra as divisões tradicionais: eras históricas, civilizações, áreas específicas da história” (tradução da autora).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

partir de determinados estímulos; seu uso e desuso são responsáveis pelas lembranças e esquecimentos, dimensões das memórias adquiridas num certo estado emocional (IZQUIERDO, 2007). O vivenciar a cidade traz ao mesmo tempo uma experiência individual (sinapses) e coletiva (discurso).

Os múltiplos olhares sobre o Olimpo têm por finalidade analisar as percepções individuais do espaço habitado, a construção de memórias, representações, imaginário e suas relações com a história local, ainda pouco explorada. Para tanto, nessa primeira etapa da pesquisa, foi utilizada a metodologia de entrevistas com moradores de Pedro Osório, a fim de registrar suas vivências e sinapses no cotidiano da cidade. Essas narrativas representam grande relevância, uma vez que “contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória” (DELGADO, 2009, p.22).

No entanto, diante do atual contexto de pandemia que vivenciamos desde o começo do estudo, diversas adaptações foram necessárias. O primeiro contato foi realizado por meio de uma coleta de dados a partir de um questionário estruturado na ferramenta do Google Forms. As questões procuraram explorar as sinapses relacionadas ao pertencimento, no qual a memória propicia o “fortalecimento da noção de continuidade que permite a sensação de estar ligado” (MELLO, 2016, p. 236) e as percepções individuais sobre a cidade.

Uma das questões versava sobre como o (a) entrevistado (a) costumava se referir à cidade, pois é comum falar ou marcar nas redes sociais o antigo nome Olimpo. Boa parte das respostas evidenciou maior identificação com o nome anterior e a justificativa se dava por questões afetivas, tal como a de Marcelo (46 anos), ao mencionar que “o nome Olimpo remete ao passado e evoca a época dos trens e da estação ferroviária”; ou ainda, pela ausência de identificação local com a figura do Coronel Pedro Osório, tal como evidenciam os dois depoimentos abaixo:

“Particularmente, acho mais legal dizer que moro em ‘Olimpo’, um ‘Paraíso’, espaço de deuses versus dizer que moro em Pedro Osório - enaltecendo uma pessoa a qual não me identifico” (Augusto, 26 anos).

“Olimpo porque representa a mitología, os sonhos, lendas... carrega um tom poético, imaginário e místico. Muito mais que Pedro Osório, um mortal (diferente dos deuses do Olimpo), um homem que, aliás, nunca morou nesta cidade” (Auta, 50 anos).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Um dos pontos mais marcantes nas vivências locais foram as memórias relacionadas ao Rio Piratini como “símbolo de força devastadora e também de renovação/construção” (Chaiane, 39 anos); “um rio maravilhoso e às vezes ‘rebelde’ que traz um aspecto singular ao município” (Ronie, 53 anos). Demonstram como as “memórias” e “histórias” dos flagelos são parte da roda de chimarrão e os “olheiros de enchente” se tornaram os guardiões da noite<sup>9</sup>.

Por outro lado, muitos participantes mencionaram à representatividade do trem como progresso da cidade ou o desejo de preservação dos vestígios materiais ligados à expansão ferroviária. Mesmo aqueles que não vivenciaram o auge ferroviário, demonstraram uma perspectiva geracional da memória. Tal como o relato a seguir:

“Compartilho de uma memória coletiva familiar um tanto saudosista quanto a um passado (eu nunca soube exatamente quando) onde havia trens de passageiros e a ferrovia ainda prosperava. Muitas vezes ouvi minha família contar histórias dos trens, da Estação Ferroviária, da Cooperativa, de como a cidade era ponto turístico e havia mais hotéis e até um cinema em Pedro Osório. Por isso, cresci com a percepção de que a “era dourada” da cidade já havia passado” (Lucas, 22 anos).

As relações de pertencimento também aparecem nas percepções gerais sobre a cidade sob o olhar do (a) entrevistado (a). Expressões como “minha terra”, “meu chão”, “meu torrão” foram recorrentes nas respostas. Falam sobre ser uma cidade acolhedora e repleta de “conexões com o passado e presente [...] cheia de história e de pessoas que sabem contar história, que conseguem te inserir dentro de um contexto sem você ter vivenciado aquilo” (Amália, 21 anos); “cidade hospitaleira e de um povo forte, aguerrido que soube refazer a sua história” (Elyane, 65 anos).

No entanto, apesar dos olhares carregados de afeto e saudosismo, as respostas também trouxeram uma visão crítica e apontaram outras questões e conflitos que serão analisados ao longo da pesquisa. Esse é o caso do relato de Emanuel (24 anos) ao dizer que a cidade apresenta uma “melancolia particular” e “uma riqueza cultural muito grande. Conservadora e não reconhece o racismo estrutural que existe”. Posteriormente,

---

<sup>9</sup> Pessoas da comunidade que se ocupam em observar o crescimento das águas durante as chuvas torrenciais.



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

os relatos serão analisados em conjunto com outras fontes que darão aporte para delinear os traçados do Olimpo.

## Considerações Finais

As pequenas localidades enfrentam muitas vezes o estigma de não ter nada “importante” para ser lembrado ou pesquisado. Essa questão se torna ainda mais acentuada nos lugares castigados pelas enchentes devido à perda de seus referenciais. A cada novo recomeço, os moradores tentam “salvar” o que restou e precisam tomar uma decisão sobre o que preservar ou abandonar. As memórias traumáticas associadas ao sentimento de estagnação geram leituras superficiais. No caso do Olimpo, é comum a reprodução do discurso de que não há nada para ser visto, “um lugar pequeno, sem graça, feio e sem mudanças; uma cidade destruída, com muitas casas velhas quebradas e que nem tinha cara de cidade” ou que “não havia nada para ser lembrado, apenas esquecido e de preferência apagado do mapa”<sup>10</sup>.

As comunidades atingidas por cheias recorrentes precisam não apenas se reconstruir, mas também buscar sua identificação, valorização e pertencimento. Novos traçados são definidos entre lembranças e esquecimentos moldados pelas memórias que muitas vezes são legitimadas como história. Olimpo, homônima da morada dos deuses gregos, é mais um desses lugares, muitas vezes, perdidos no jogo entre a memória e a história. Onde, os diferentes discursos que narram a cidade são influenciados pelas relações estabelecidas com o tempo, moldadas pelas suas variações com os lugares e as épocas. Sendo assim, as narrativas mnemônicas são de considerável pertinência na identificação do fio invisível que define o traçado da cidade.

Considera-se que as memórias do Olimpo são passíveis de uma análise mais aprofundada, a fim de propiciar questionamentos e apreensão das múltiplas relações que envolvem as temporalidades e o cotidiano dos seus habitantes. Afinal, “uma cidade não é composta somente de esboços e desenhos das ruas e da arquitetura edificada, ela é mesclada também de fantasia, mistérios e interpretações que seus habitantes fazem dela” (PELEGRINI, 2009, p.35). Cada lugar está impregnado de sua história singular e representativa na pluralidade de contextos possíveis.

---

<sup>10</sup> Depoimentos dos participantes de projetos desenvolvidos anteriormente com a comunidade local.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Referências

- BOIA, Lucian. **Pour une histoire de l’imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CALDAS, Pedro. **Pedro Osório, sim senhor!:** retrato de um município gaúcho. Pelotas: Satya, 1990.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº13, 1994.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, n.6, p. 9-25, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em 28 jul. 2021.
- ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. In: **Textura**. Canoas, nº 9, nov/jun 2003/2004, p. 49-56.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 3. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- IZQUIERDO, Iván. A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimentos. 3. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- MENESES. Ulpiano Bezerra. A história, cativa da memória? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº. 34, pp. 9-24, 1992.
- MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.8, n.19, p. 236-256, set/dez 2016.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier: 2012.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, nº. 29, p. 9-27 1995.

\_\_\_\_\_. **História & história cultural**. 3. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

PRATS, Joaquín; SANTACANA, Joan. La ciudad, un espacio para aprender. Aula de innovación educativa. In: **Revista Aula de Innovación Educativa 182**, p. 47-51 2009.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. 7. Campinas: Unicamp, 2018.

SALES, Eric de. Cronos, mnemosine, Clio e a defesa do patrimônio. In: **Historiæ**, Rio Grande, 6 (2): 153-166, 2015.

SILVA, Maria Angélica. Centralidades em movimento: a cidade contemporânea e o tempo histórico. In: **Lugares**: patrimônio, memória e paisagens. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Memoria del mal, tentación del bien**. Barcelona: Ediciones Península, 2002